

No raiar do século um acontecimento inesperado foi o promotor de uma radical mudança na mentalidade médica brasileira. Aparecera a peste no pórtio de Santos e a ameaça de sua extensão a todo o país provocou medidas urgentes para organizar a defesa da população contra a doença. Dentre as iniciativas lembradas sobrelevava a produção de soro e vacina protetores contra a doença. Mas não existiam, no Brasil, laboratórios produtores de medicamentos. Naqueles recuados tempos só um homem havia capaz de fazê-los porque haurira no Velho Continente os ensinamentos técnicos necessários. Esse homem era Oswaldo Cruz.

Encarregado de localizar o laboratório produtor de soro e vacina antipestosa, foi escolhida uma velha e abandonada fazenda distante da Capital, onde não haveria temores da população do perigoso germe da peste.

Trabalhando quase em silêncio, num local isolado, convidativo à meditação, e diante de muitos outros problemas médicos dependentes de pesquisas de laboratório para sua solução, não demorou germinar no cérebro do então jovem médico encarregado do laboratório a idéia de ampliar o limitado trabalho de preparação do soro e da vacina antipestosa, estendendo-o a outros assuntos médicos. Ali mesmo, em tórno do local, campeavam a malária e outras protozooses, as helmintoses, a lepra e outros males que, juntamente à desnutrição, deprimiam o povo brasileiro reduzindo-lhe a capacidade física permanentemente. Grande parte do mecanismo de produção desses males era conhecida, mas um mundo de detalhes inerentes ao clima, à região, aos hábitos e costumes do povo, às condições econômicas, e influentes na sua difusão, careciam ser conhecidos e examinados para êxito de campanhas profiláticas. Além desses, muitos outros males, conhecidos ou desconhecidos, existiam por esse interior afora, na imensidade de nosso território, exigentes de estudo para esclarecer-lhes a etiologia e o mecanismo de transmissão. Foi pensando nisso que acudiu a Oswaldo Cruz a idéia de ampliar o pequeno laboratório, transformando-o em uma instituição dos moldes do Instituto Pasteur onde estudara e cujos benefícios para o mundo pudera apreciar pessoalmente.

Não é difícil imaginar quanto lhe custou a êle e aos seus primeiros colaboradores criar e fazer funcionar, num ambiente de tão pouco progresso material e mental, com auxiliares bisonhos, uma instituição que em menos de uma década ou seja sete anos após iniciar suas atividades, obtinha na Exposição de Higiene de Berlim o 1.º prêmio dentre 123 expositores de 20 países de todo o mundo. O sucesso acreceu-lhe o ânimo a Oswaldo, que agora não podia duvidar mais do futuro do Instituto e da capacidade da sua gente. Daí por diante o progresso da Instituição tomou um ritmo mais acelerado e os trabalhos se sucederam n uma série de publicações que todos os anos enriquece a literatura médica do Brasil e contribui para a cultura mundial.

Mas o maior mérito do Instituto Oswaldo Cruz, o que vale dizer de Oswaldo Cruz, não reside nos benefícios que resultaram de sua atividade para a saúde pública na profilaxia da peste, da febre amarela, da doença de Chagas, da leishmaniose, da boubá, do impaludismo, da esquistossomose e de outros males, descobertos ou estudados naquela Casa, ou de campanhas dirigidas por Oswaldo

ou por seus colaboradores, que tornaram possível transformar a idéia de região tropical, até então infamante como região habitável em regiões perfeitamente habitáveis, até com certas vantagens sobre os climas frios. O maior mérito consistiu em ser o Instituto Oswaldo Cruz a célula mater da cultura médica nacional, a transformadora do sistema educativo médico, do discurso burilado num dilúvio de palavras muitas vezes sem sentido prático para o profissional, no conhecimento exato e comprovado, e por isso mesmo muito mais seguramente verdadeiro. Depois de sua fundação, novas organizações se foram instalando em nosso país, com a colaboração direta de elementos de Manguinhos ou de profissionais que ali foram abeberar conhecimentos dos pioneiros da ciência experimental brasileira. Esse é o maior título de benemerência da Casa de Oswaldo Cruz, e seus efeitos se prolongarão para sempre em nossa terra como uma corrente ininterrupta de colaboração ao progresso médico e cultural. Crescendo o âmbito de suas atividades, foram se tornando necessárias novas atividades médicas e afins, para conhecimento da patologia regional, vindo se operando, com isso, uma evolução lenta e constante na Instituição. De simples laboratório de produção, limitada a uma única doença, passou a cuidar de número cada vez maior delas e invadiu outros campos da ciência experimental. Assim vai o Instituto se tornando um Instituto de investigação pura, relegando a plano cada vez menos saliente a produção de rotina de soros e vacinas, que no início fôra sua finalidade exclusiva.

Ao comemorar o seu cinqüentenário a velha instituição brasileira se apresenta com plena vitalidade, como uma árvore frondosa cujos opimos frutos se espalham pelo Brasil ajora, gerando novos núcleos de trabalho intelectual que farão o justo orgulho de nossa terra em futuro não distante.

Cinco novos edifícios se erguem em volta do núcleo primitivo atualmente num estilo modernista, contrastando com o primitivo estilo mouro do prédio primitivo. Este, quando isolado, fizera há muitos anos uma frase simbolista da ciência brasileira a um médico patricio: "um palácio mourisco dentro de uma charneca". Felizmente a charneca se transformou na Avenida Brasil e salientou a fachada do velho castelo numa posição aparentemente esdrúxula com a face voltada para o nascente e vista à grande distância no correr da grandiosa artéria.

Sem o prever, por certo, o grande brasileiro voltou-a para o futuro, dirigindo para o oriente a face da Instituição que custou-lhe a vida bem mais cedo que era de esperar. Esses espíritos privilegiados desprezam os bens da vida numa esperança de recordações póstumas das quais a que ora lhe presta o Instituto Adolfo Lutz é uma prova bem demonstrativa.

Oswaldo Cruz é uma dessas personalidades cujo nome crescerá com o tempo porque sua obra é imperecível. Seu espírito de renúncia, seu esforço empregado na organização de Manguinhos até o momento de caminhar sozinho, sua capacidade de organização, seu apêgo à investigação como fonte de benefícios para a humanidade, seu amor ao belo e ao perfeito, seu desvelo com a família, seu trato impecável, fizeram dele quase um símbolo para os brasileiros e para os continuadores de sua obra. A solidez daquelas paredes assegura a solidez da organização que não poderá desaparecer com as próximas gerações, antes crescerá com elas.

GENESIO PACHECO

Do Instituto Oswaldo Cruz



Prof. Adolpho Lutz
1855 — 1940